

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

EVOLUÇÃO URBANA DE PORTO ALEGRE: UMA PROPOSTA DE PERCURSO PELO CENTRO DA CIDADE

Cláudia Pilla Damasio
Boletim Gaúcho de Geografia, 20: 120-122, dez., 1995.

Versão online disponível em:
<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38190/24573>

Publicado por
Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - dez., 1995

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

EVOLUÇÃO URBANA DE PORTO ALEGRE: UMA PROPOSTA DE PERCURSO PELO CENTRO DA CIDADE

Cláudia Pilla Damasio *

Partindo-se da idéia de um estudo multidisciplinar do espaço urbano, a técnica dos *percursos* mostra-se como uma ferramenta bastante eficiente e interessante, constituindo-se em um processo ágil de sistematização de observações e análises do campo de estudo.¹

Em uma proposta de (re)conhecimento da cidade de Porto Alegre, seu sítio original, seu processo de desenvolvimento pelo território, aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos de sua história, com um grupo de formação heterogênea, adotamos, como procedimento metodológico, a idéia de se realizar um percurso significativo no centro da cidade. Para isso se tornou necessário estabelecer o caminho a ser percorrido, identificando dentro dos objetivos aos quais estávamos nos propondo, uma idéia orientadora para a análise que ora se iniciaria.²

Nosso objetivo comum era o de verificar nos ambientes em que circulássemos, vestígios que nos indicassem o processo de constituição do núcleo urbano. Interessava-nos verificar a relação existente entre as características peculiares ao sítio do centro da cidade de Porto Alegre e o seu processo de ocupação e desenvolvimento, sob a ótica da paisagem morfológica, dos aspectos políticos, dos processos econômicos de valorização do solo, setorização das classes ou de segregação social, ou quaisquer outros questionamentos que se propiciassem em nossas análises.

Com uma série de fotos antigas de Porto Alegre em mãos, demos início a nossa *viagem* no tempo e escolhemos a trilha a ser seguida. Início: Praça do Portão, ou melhor, praça Conde de Porto Alegre como insiste a placa, referendada na presença de um busto em bronze do Conde, apesar de a população ainda não ter sido convencida deste nome, adotando com muito mais simpatia a antiga denominação. Certamente porque o nome *Portão* está relacionado à antiga entrada de Porto Alegre, ainda quando esta era apenas uma vila³ e dispunha de trincheiras que foram erguidas para a proteção da cidade dos ataques pela terra que se estendiam pelas atuais ruas Pinto Bandeira, João Pessoa, Sarmento Leite e República.⁴

Deste ponto inicial e analisando o mapa da cidade, observamos, em linhas gerais, o sítio de Porto Alegre: um promontório, à beira do Guaíba, que foi ampliado na sua orla norte, primeiramente, e depois na sul também, por áreas de aterros sucessivos ao longo dos anos. A rua Riachuelo, por onde seguiremos, uma das ruas mais antigas da cidade, constitui juntamente à rua dos Andradas e à Duque de Caxias, o traçado viário preliminar da cidade. Percorrendo-a percebemos ainda resquícios da aristocracia que ali vivia, pois, por se tratar de área mais alta em relação ao Guaíba, portanto protegida dos alagamentos constantes, desde cedo tornou-se muito procurada e portanto valorizada economicamente. Residências que foram luxuosas, hoje se encontram camufladas pelo cinza da cidade, pelos letreiros comerciais; o palacete Rocco (1913), confeitaria das mais *chiques* no início do século, ali ainda está, visível, porém somente para os mais observadores que imaginam o circular da burguesia porto-alegrense da época em contraste à degradação urbana atual da área.

Porto Alegre, assim como muitas outras capitais brasileiras, teve nas primeiras décadas deste século um impulso de urbanização muito forte, devido à emergência da industrialização e do desenvolvimento econômico subsequente. A concentração populacional e os problemas de saneamento decorren-

tes, aliadas a políticas de modernização urbana atestadoras do progresso republicano, provocaram grandes intervenções urbanas que buscaram criar um cenário moderno na cidade que ainda apresentava aspectos coloniais. Ao vislumbrarmos a avenida Borges de Medeiros e, logo a seguir, dobrando à esquerda e dirigindo-nos à parte mais alta da cidade, o viaduto Otávio Rocha, e comparando esta paisagem às das fotos do final do século passado, temos a nítida imagem da época: o rompimento da estrutura colonial pelas intervenções modernizadoras em sua concretude máxima. O viaduto, solução técnica adotada para romper as grandes declividades, veio a possibilitar a circulação dos bondes que se dirigiam para a zona sul da cidade e para os arrabaldes.

Já no topo da Duque de Caxias, em cima do viaduto, vislumbramos a grande artéria que corta a península de norte a sul; sua paisagem morfológica é, sem dúvida, marcada pelos grandes edifícios. Mais adiante, verificamos a presença do hoje Museu Júlio de Castilho, antiga residência do líder republicano, atestando mais uma vez a presença da aristocracia nas áreas mais altas do sítio urbano. Logo, a Praça da Matriz (Praça Marechal Deodoro) – a Catedral Metropolitana, o Palácio Piratini, o prédio da Assembléia Legislativa, o Palácio da Justiça e o Theatro São Pedro – configurando o centro cívico da cidade ali situado desde seus tempos mais remotos. Um pouco modificado, é verdade: onde hoje verificamos a Assembléia, encontrávamos, até a década de sessenta, o auditório Araújo Vianna com sua concha acústica; a catedral não é a mais a primeira Matriz, demolida na década de vinte; o Theatro São Pedro tinha, à sua frente, um *prédio-gêmeo* onde funcionava a Câmara Municipal que, incendiado, deu lugar ao Palácio da Justiça.⁵

Seguímos pela Duque até o Alto da Bronze, hoje Praça General Osório, analisando os elementos arquitetônicos e descobrindo ainda alguns exemplares do tempo áureo daquela via da cidade. Chegando lá, olhando para os dois lados, podemos verificar claramente a faixa de aterramento da ponta da península – estamos na linha de topo do promontório. A área de aterro do centro de Porto Alegre corresponde exatamente a três vezes a área original e destaca-se por ser plana em meio a uma zona de terreno caracteristicamente inclinado.

Descemos pela General Portinho e entramos à direita novamente na rua Riachuelo para observar o Solar do Conde de Porto Alegre, à esquina da rua General Canabarro. Um dos últimos exemplares remanescentes deste tipo de edificação, este Solar foi construído ainda no século passado, recebendo modificações para adaptar seu estilo originalmente colonial ao eclético na década de trinta. Foi residência do Conde, tenente-general Manoel Marques de Souza, militar gaúcho com participação em diversas batalhas da Revolução Farroupilha e da Guerra do Paraguai e atualmente pertence ao Instituto dos Arquitetos do Brasil/RS, que pretende fazer ali a sede.

Pela General Canabarro chegamos à rua dos Andradas, a famosa Rua da Praia, a primeira via aberta, eixo principal de ocupação desde a fundação do núcleo urbano. À época, até ali chegavam as águas do lago e, desde então, o movimento intenso de pessoas passou a marcar sua história. Na década de trinta, quando o centro de Porto Alegre já reformulado e embelezado passa a ser um cenário perfeito para o apogeu da vida em público característico da época, a Rua da Praia, palco do *footing* e de muitas outras atividades de lazer, mas também de circulação de mercadorias e de pessoas apressadas que por ali trabalhavam, é alvo de um *Regulamento para o Tráfego de Pedestres*⁶. Este objetivava organizar os diferentes fluxos e evitar os encontrões, os tumultos a que hoje já estamos acostumados, mas que traziam preocupações na época pois não se admitia que uma senhora em seu passeio tivesse que se defrontar e disputar o espaço das exguas calçadas com um carregador de encomendas, por exemplo.

Passamos pela Igreja das Dores, o mais antigo templo da cidade, cuja construção foi iniciada em 1807; pela Casa de Cultura Mário Quintana, antigo Hotel Majestic, e chegamos à Praça da Alfândega. Ali, mais uma vez, imaginamos a ruptura provavelmente ocorrida: graças aos aterros, o local onde originalmente encontrava-se a alfândega de Porto Alegre, evidentemente defronte ao Guaíba, estava agora separado deste por duas quadras, depois por uma grande avenida e, para completar, ainda por um muro! Alguns prédios significativos se encontram neste local: O Museu de Arte do RS (antiga Delegacia Fiscal), o Correio e Telégrafos, a sede do jornal Correio do Povo e os mais recentes: o da Caixa Econômica Federal, que absorveu o leito da rua Sete de Setembro, modificando substancialmente a morfologia da praça e o Shopping Rua da Praia, pólo de atração que trouxe nova animação para a área.

Caminhamos pela rua da Praia em seu trecho de movimento mais intenso: entre a praça da Alfândega e a avenida Borges de Medeiros. As atividades que ali acontecem são múltiplas: desde o frenético

vai-e-vem de pessoas durante o dia até o pouco movimento da noite, quando os letreiros das fachadas comerciais se apagam definindo uma nova paisagem composta não pelo movimento urbano intenso, mas pelas edificações, pela configuração espacial da própria rua, antes escondida pelo tumulto diário.

Passando pela *Esquina Democrática* (Borges de Medeiros esquina rua da Praia), local de pequenos comícios e frequentes manifestações variadas, descemos a Borges e chegamos no Largo Giênio Peres, avistamos a Prefeitura Municipal, a Praça XV com o seu Chalé, o Mercado Público Municipal. O antigo abrigo dos bondes ainda se encontra por lá, servindo como local de pequeno comércio; na construção do Largo, os trilhos foram descobertos do cimento que os escondiam tornando-os visíveis e até um bonde colocaram para servir de posto de informações turísticas. O Chalé da Praça XV, construído em 1911, ainda funciona; meio escondido pela intensa arborização da praça; olhando as antigas fotos, sua imagem parece congelada – pequeno refúgio da Porto Alegre do passado em meio aos ônibus e à multidão.

Nosso percurso aqui se encerra. Olhando a cidade com *olhos de investigação*, descobrimos em sua paisagem muito mais do que simplesmente concreto, luz néon, painéis comerciais, edifícios imponentes. Tendo em mente a história da formação dessa cidade, observamos que esta, de certa forma, está escrita em suas ruas; registrada, porém camuflada. Sua leitura é condicionada à memória⁷ – são as experiências pessoais de cada um, seus interesses que os levam a interpretá-la.

Em uma tentativa de re-humanização do centro de Porto Alegre vale aqui apresentar como estratégia de ação a valorização da memória desta cidade. Não se trata, de forma alguma, de *congelar* um momento que já passou – trata-se de revelá-lo como elemento formador da realidade presente.

¹Cf. SOUZA, Celia Ferraz de; CABRAL, Gilberto Flores. Percursos urbanos. a reconstrução da história do cotidiano. In *Cidade e História*. Salvador: UFB, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, ANPUR, 1992, p. 275-282.

²*idem*

³Porto Alegre passou a ser denominada de "cidade" no ano de 1831.

⁴MACEDO, Riopardense de. Porto Alegre: origem, localização e estrutura. In: XAVIER, Alberto; MIZOGUCHI, Ivan. *Arquitetura Moderna em Porto Alegre*. São Paulo: PINI; 1987, p. 13-15.

⁵FRANCO, Sérgio da Costa. *Porto Alegre – Guia Histórico*. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre/Ed. da Universidade/ UFRGS, 1988

⁶Porto Alegre – Projeto do Regulamento para o Tráfego de Pedestres. Porto Alegre: Boletim Semanal do Rotary Club de Porto Alegre, Ano VI, nº81, ago. 1934

⁷GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

* Arquiteta, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR) da UFRGS. Bolsista CNPq.